

Damas de Brasília

JORNALISTA E ESCRITORA
INTEGRADA
NA VIDA BRASILIENSE

Helena SILVEIRA

FOMOS encontrar em Brasília, no âmbito progressista da Universidade e, pelas noites, nas pequenas reuniões familiares ou nas mesinhas do Clube Cota Mil, uma figura por demais conhecida nas rodas intelectuais do Rio e São Paulo: Yvonne Jean. Uma belga, jornalista, escritora, casada com o brasileiro Abelardo Fonseca, tendo um filho brasileiro e, agora, brasiliense: João Luís. Yvonne ciceroneou-nos pelos meios culturais da Novacap, recebeu-nos com um jantar delicioso a que foram convidadas expressivas figuras como Cyro dos Anjos.

Yvonne no cenário de Brasília

Assessora de divulgação, intérprete e tradutora na Universidade de Brasília, Yvonne Jean trabalha junto ao reitor Darci Ribeiro, de quem é uma das mais entusiásticas admiradoras. Estávamos juntas quando o reitor recebeu a reporter. Presentes, ainda, o prof. Paulino Guimarães, o sr. Nicolino Barberio. Darci convida, atualmente, os melhores elementos universita-



Yvonne Jean

rios do Brasil para sua obra educacional de formidável alcance. Junto dele, a jornalista capta seus "flashes" que vai espocando, no "Correio Brasiliense", numa sessão chamada "O Ensino Dia a Dia". Assim, essa belga absorvida pelo Brasil dá-nos uma lição constante de brasilidade, de amor entusiástico às nossas coisas. Creio que jamais deixará a capital em que um punhado de homens e mulheres constroem o Brasil de amanhã.

Apenas duas perguntas...

Acreditamos interessante fazer à jornalista duas perguntas. Uma com base em declaração do sr. Janio Quadros de que as mulheres, especialmente, detestariam Brasília. Outra, versando sobre a famosa e específica nostalgia de Brasília...

P. — Brasília é detestada pelas mulheres?

R. — "As mulheres que vivem em função da família grande, que se sentem como peixe fora d'água quando não acompanham os aniversários, noivados, problemas dos irmãos, primos, avós, pais e, principalmente, netos não podem gostar do que consideram como um repentino desterro! Por outro lado, as mulheres que não trabalham e não têm grandes responsabilidades tampouco gostam de Brasília, onde sentem falta das numerosas lojas de Copacabana ou da rua Augusta, do chazinho à beira mar ou no "Fasano", das boates. Todas as outras mulheres — e são a grande maioria — gostam de viver em Brasília. As que cuidam muito dos filhos, porque estes adoram a cidade na qual já estão integrados; e as donas de casa, porque a organização de sua vida é muito mais fácil aqui que nas outras cidades. Quanto às mulheres que trabalham e gostam de seu trabalho, são felizes numa cidade cujo clima desperta atividades, os dias são mais longos, as possibilidades são infinitas e compensadoras, o que oferece maiores possibilidades de realização.

Pessoalmente sou feliz em Brasília, mais do que isso: já me considero brasiliense!"

P. — Existe a nostalgia brasiliense?

R. — "Existe. Porém, não é uma constante, só surgindo de vez em quando, num longo domingo de seca em que os belos horizontes parecem vastos e vazios demais e em que surge a saudade de uma rua feia mas cujas casas ficaram impregnadas das vidas passadas, hábitos e tradições. Por isso, é preciso mergulhar, seja por dois dias, no ambiente das cidades "normais" todos os quatro ou cinco meses! Fora disso, as atividades constantes e variadas, o trabalho compensador, as possibilidades e sensação de realização, a cooperação à criação de algo importante, as amizades sólidas numa cidade que ainda possui um ambiente pequeno sem ser provinciana, afastam rapidamente as saudades que são substituídas por uma integração sempre maior em uma cidade que, apesar de todos os erros e injustiças, ainda vive intensamente e ainda é a Cidade da Esperança".